

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**MARQUES, António Henrique Rodrigo de Oliveira**  
(S. Pedro do Estoril, 1933 – Lisboa, 2007)

“Desde a escola primária que eu me interessava por história. Criei países e as histórias desses países e escrevi-as desde a Pré-história até à actualidade” (A. H. de Oliveira Marques. *O Homem...*, 1994, p. 22). Este menino, oriundo da burguesia culta lisboeta, que estudou nos Liceus Camões e Gil Vicente, veio a ser de facto um renomado Historiador. E este seu sonho de inventar países, por onde viajava no tempo, deve-lhe ter vindo do seu olhar perscrutador, desde muito cedo, sobre selos e de gostar de os colecionar. Não admira, por isso, que o seu primeiro artigo, escrito com 18 anos, se debruçasse sobre Filatelia, para três anos depois estar a sair a lume a sua obra primeva *História do Selo Postal Português* e continuar ao longo da vida a explorar esta matéria. Concluindo o curso liceal ingressa, porém, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, em 1950, do qual acabará por desistir, estando, em 1952, a matricular-se no curso de Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras de Lisboa. Paralelamente estudava, em creditados Institutos de línguas, inglês, francês, italiano e alemão, o que o apetrechou para um invejável domínio de línguas estrangeiras. Conclui o curso em Junho de 1956, para, logo no mês seguinte, caso verdadeiramente invulgar, estar a apresentar a sua dissertação, *A Sociedade em Portugal dos séculos XII a XIV*, na qual vinha a trabalhar desde o segundo ano, sob a orientação de Virgínia Rau, obtendo então a licenciatura com 17 valores. E logo em Outubro parte para Würzburg a fim de iniciar a sua investigação para o doutoramento sobre as relações comerciais entre Portugal e os países da liga hanseática, sob a direcção do Prof. Hermann Kellenbenz. Este competente e comprometido orientador, que com o seu orientando trabalhava uma tarde por semana, imprime-lhe um rigoroso e sistemático método de trabalho, que se coadunava com as exigências pessoais do discípulo, e que virá depois a ser reproduzido, quando Oliveira Marques se tornou, ele próprio, orientador. Estas marcas da escola alemã, combinadas com as da escola francesa, moldarão perenemente a sua identidade como historiador. Kellenbenz inicia-o na bibliografia da temática e dá-lhe a conhecer os diversos arquivos alemães, onde se encontravam os documentos para o seu estudo. Mas Oliveira Marques busca igualmente fontes nas bibliotecas e arquivos de cidades da República Democrática Alemã, em Inglaterra, no Public Record Office e na Biblioteca do Museu Britânico, em França, na Biblioteca Nacional, e ainda na Bélgica, Holanda e Espanha, tendo, ao fim de quatro anos, a 7 de Julho de 1960, defendido a sua tese de doutoramento, apresentada impressa, *Hansa e Portugal na Idade Média*, sendo aprovado com 18



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

valores. Trata-se de um percurso académico verdadeiramente fulgurante e inédito, em que Oliveira Marques se empenhou com intensidade e afincos, até para compensar, face à emulação com os seus colegas do liceu, o atraso de dois anos causado pelas mudanças de curso.

No ano de 1957 inicia a sua carreira docente, sendo Leitor por três meses na Universidade de Würzburg e depois, em Novembro, havendo sido contratado para 2º Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, passando como Doutor a 1º Assistente, em Outubro de 1960. Nesse mesmo ano casa-se com Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva (que veio a falecer em 1971) e desde logo inicia as pesquisas para a preparação do seu concurso para professor extraordinário, realizando investigações em Inglaterra, França e Itália. Esta sua internacionalização, muito inovadora no contexto historiográfico da época, era reforçada com as conferências que ia proferindo nas Universidades de Würzburg (1957), Colónia, Bonn, Freiburg (1962) ou com a apresentação de comunicações em seminários (Lille, 1958). Concomitantemente organizava e participava em Congressos realizados em Portugal (Lisboa, Braga). Como docente lecciona Paleografia, colabora inicialmente nas disciplinas de História de Portugal e História Medieval, regidas por Virgínia Rau, que muito o estimulou neste seu percurso inicial académico, para depois assumir em pleno a regência desta última, assim como leccionará esporadicamente Teoria da História. Em Maio de 1962 entrega, já impressa, a dissertação de concurso para professor extraordinário, *Introdução à História da Agricultura em Portugal*, a qual nunca virá a ser defendida, dado que as provas do concurso foram sucessivamente suspensas e o concurso revogado devido às suas posições ao lado dos estudantes na greve académica de Março-Maio de 1962. Face a tais recusas, Oliveira Marques pede a demissão do cargo de Assistente, a 17 de Novembro de 1964. Terminava um primeiro ciclo na vida de Oliveira Marques, abrindo-se um outro de professor universitário a viver, longe do seu país, nos Estados Unidos da América.

Intrepidamente contacta com universidades estrangeiras, oferecendo-se para nelas trabalhar, vindo a ser recrutado, em 1965-1966, como professor associado pela Universidade de Auburn (Alabama, Estados Unidos) e depois, de 1966 a 1969, como professor catedrático da Universidade da Florida (Gainesville). Rege cursos sobre História de Bizâncio e Civilização Muçulmana, História da Idade Média, História da Península Ibérica, Cidades Medievais e Comércio no Norte da Europa, Cortes, Origens da Expansão Europeia, História de Portugal, Portugal. 1890-1940. Ao mesmo tempo profere inúmeras conferências ou rege cursos em várias Universidades (de Auburn, da Florida, do Novo México, de Virgínia, de Yale, da Columbia), no Queen's College (Nova Iorque) ou em instituições culturais sobre temas variegados desde a queda de Roma, o islamismo, aspectos da medievalidade portuguesa, peninsular ou europeia, a questões da contemporaneidade de Portugal e da Europa, sem deixar de continuar a marcar presença em reuniões científicas na Europa, como em Paris ou Leipzig. Convidado pela Columbia University Press começa a escrever, em inglês, uma *História de Portugal*, que virá a ser publicada em 1972, obra com um enorme impacto científico, como salientaremos. Este intensíssimo e abrangente labor de docente é um testemunho manifesto da erudita, profunda e vasta formação do Historiador Oliveira Marques, que domina a época medieval em



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

diversas especialidades, cronologias e temáticas, e que, por falta de fontes primárias da Idade Média, se debruçou sobre aspectos da história contemporânea.

Motivos pessoais fazem-no deixar os Estados Unidos em Julho de 1969, tendo um percurso bastante errante entre esse ano e o de 1976. Voltará, porém, aos Estados Unidos em 1970 e 1973, regendo cursos ou dando conferências, nas Universidades de Minnesota, de Wisconsin, de Indiana, de Chicago, de Illinois e Northern Illinois. Em Portugal, sem emprego fixo, recebe uma bolsa do Ministro da Educação Veiga Simão, que o nomeia para uma comissão encarregada de preparar a reforma dos Cursos de Letras. Trabalha e investiga agora mais em história contemporânea, muito em particular no Arquivo Afonso Costa, começando a publicar, em 1973, a *História da I República Portuguesa*, que tem a sua direcção. Depois da implantação da Democracia, ainda reentra na Faculdade de Letras em Outubro, mas o clima de agitação política que se vivia no tempo fê-lo renunciar ao lugar, para vir logo no mês seguinte a ser nomeado Director da Biblioteca Nacional de Lisboa, cargo que assume em efectivo de Fevereiro a Dezembro de 1975, mas no qual, malgradadamente, não pôde levar a cabo as reformas que idealizara, dado o momento laboral convulsivo que então se vivia, ainda que de imediato tivesse dado acesso directo aos leitores ao Catálogo Geral da Biblioteca e a animasse culturalmente com a organização de algumas exposições. Continua do mesmo modo a proferir conferências sobre temáticas em que se encontrava comprometido como Cidadão: o Iberismo e a Maçonaria. E, integrando um projecto ligado a empresas e financiado pela Companhia de Seguros Império, veio a publicar o livro *Para a História dos Seguros em Portugal* (1977), outra temática em que é pioneiro.

Em Julho de 1976, ao ser contratado, em comissão de serviço, como Professor Catedrático da Universidade Nova de Lisboa, inicia-se o seu terceiro e último ciclo da sua preenchedíssima vida académica. E mais concretamente a partir do momento em que é empossado como Presidente da Comissão Instaladora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, em Dezembro de 1977, coordena os trabalhos que lhe irão dar corpo até Outubro de 1980. É ainda nomeado Director do Ano Propedêutico, que foi criado pelo Governo em 1977, como um ensino preparatório para a entrada na Universidade. Virá por duas vezes a ser Presidente do Conselho Científico da Faculdade e, no âmbito do Departamento de História, em que se encontrava integrado, prepara a abertura da licenciatura e dos cursos de mestrado em História Medieval e em História dos séculos XIX-XX, que arrancam na década de 80. Durante estes anos continua a proferir conferências no estrangeiro, agora com uma significativa presença em Universidades brasileiras (de S. Paulo, Curitiba, Católica de Santos, Católica de Porto Alegre), onde, no mês de Setembro de 1978, aborda temas da historiografia portuguesa contemporânea. Sendo professor catedrático efectivo da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas rasgará com a sua docência e com a orientação de dissertações de mestrado e teses de doutoramento, dentro e fora da sua Escola, novos horizontes de investigação na medievalidade portuguesa, nas temáticas da história urbana, no recentramento, com novas conceptualizações e metodologias, da história rural, na abertura ao estudo das casas senhoriais, entre outras. Em Maio de 1993 passa a fazer parte do Departamento de Estudos Alemães, coordenando a área de História da Cultura e nele se veio a reformar em



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

2003, embora tenha também leccionado no Departamento de Ciências Políticas e Relações Internacionais, em cuja criação se empenhou.

A sua extensa obra, traduzida em seis dezenas de livros e um milhar de artigos, cinde-se, basicamente, em dois arcos cronológicos, a medievalidade e a contemporaneidade, talvez mais conhecida e reconhecida a primeira que a segunda, ainda que ambas muito inovadoras. Nela se espelha sempre a sua conceptualização da História como uma ciência, com as características das ciências sociais e humanas, assente metodologicamente numa vastíssima informação histórica, sujeita a uma apertada crítica, que sustenta uma interpretação arguta e perspicaz e aporta conhecimento novo, plasmada numa obra ponderadamente estruturada e vertida numa escrita em que se entrecruza o rigor do discurso histórico com uma linguagem literariamente envolvente. Em 1959 e ao longo da sua auspiciosa década de 60 do século XX publicam-se as obras seminais sobre a época medieval que se viram continuamente reproduzidas. A *Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*, saída em 1962, teve seis edições (a última de 2010) e foi traduzida para inglês. Desenhando-nos o quotidiano do homem medieval, no seu ritmo de trabalho, nas condições de habitabilidade, nos cuidados do seu corpo, na higiene e saúde, nas suas necessidades e representações de vestuário e da mesa, no seu intimismo de afectos e crenças, na sua cultura e lazer e na sua atitude perante a morte, é um livro demasiado avançado na historiografia portuguesa do seu tempo, em que mal começava a esboçar-se a novidade de uma história económica e social. Será apenas na década de 80, sob o impacto da nova história que se abre às mentalidades, aos comportamentos, à religiosidade e aos sentimentos dos homens, que esta obra se torna “uma Bíblia”, como já escrevi, um referente, repetidamente lido e citado. Do mesmo modo a sua dissertação de concurso *Introdução à História da Agricultura: a questão cerealífera na Idade Média*, com três edições (1962, 1968, 1978), inspirará as novas gerações das décadas de 80 e 90, que impõem a temática da história rural na historiografia medieval portuguesa e no ensino universitário. A sua tese de doutoramento *Hansa e Portugal na Idade Média* (edição de 1959), que nos coloca perante o quadro das navegações e do comércio dos portugueses no Atlântico, ficou bastante esquecida até à segunda edição corrigida e aumentada de 1993, tendo sido por largas décadas um dos trabalhos científicos de maior fôlego no âmbito dos intercâmbios mercantis portugueses na época medieval. As relações luso-alemãs, das comerciais às culturais, continuaram posteriormente a ser alvo dos seus estudos, particularizando as navegações e relações comerciais com a Prússia e aspectos da feitoria da Flandres no século XV, os preços e câmbios em Hamburgo no século XVI, os contactos entre Portugal e a Alemanha no século XVI, as relações de Damião de Góis com os mercadores de Danzig, os impressores alemães em Portugal em finais de Quatrocentos e a documentação sobre Portugal em arquivos hanseáticos alemães, sendo alguns desse trabalhos publicados no livro *Portugal Quinhentista* (1987). E ultrapassando os séculos medievais e modernos prolongou mesmo a análise dos intercâmbios políticos, diplomáticos e culturais luso-germânicos até ao século XX (Thomas Denk, *Na Jubilação Universitária...*, 2003, pp. 79-99).

Em consentâneo, em artigos ou outros estudos, muitos deles reunidos nos *Ensaios de História Medieval*



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*Portuguesa* (1965) e *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa* (1988) continuou a abrir novos rumos de pesquisa sobre a população, a pragmática de 1340, a moeda, o comércio internacional ou a história urbana de Lisboa, Sintra, Cascais ou Arruda dos Vinhos, embora, infelizmente, não tenha concretizado a obra completa sobre Lisboa medieval, que tinha já estruturada e para a qual recolhera abundante documentação. Sem esquecer que, tendo orientado na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1958, um Seminário sobre “A Peste Negra em Portugal”, temática quase então desconhecida, integrou o I Congresso Histórico de Portugal Medieval dedicado a esta matéria, organizado por Virgínia Rau, em Braga, no ano de 1959, cujas actas foram publicadas na revista *Bracara Augusta* em 1963, nas quais se inclui o seu trabalho “A Peste Negra na Europa”. E o seu desmultiplicado saber de história política, institucional, social e económica patenteia-se nas centenas de entradas que redigiu para o *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão e para tantos outros dicionários e enciclopédias. Por sua vez o seu *Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa* (1964), com três edições, desvendou a riqueza de bibliotecas e arquivos e deu a conhecer a bibliografia fundamental para qualquer caminho a trilhar por todo aquele que se quisesse lançar na investigação da história medieval. Tendo criado, em 1980, o Centro de Estudos Históricos, Oliveira Marques, que ensinou e escreveu artigos sobre Paleografia e Diplomática, apostou na publicação das fontes, suporte do trabalho histórico (Saul António Gomes, *Na Jubilação Universitária...*, 2003, pp. 45-56). Inicia-se a linha da edição das Chancelarias Portuguesas (hoje com 19 volumes respeitantes a D. Afonso IV, D. Pedro I, D. João I e D. Duarte) e das Cortes Portuguesas (hoje com 12 volumes referentes a D. Afonso IV, D. Pedro I, D. Fernando, D. Duarte, D. Afonso V e D. Manuel I), prestando um relevante serviço a toda a comunidade científica nacional e de além-fronteiras, prolongando-se a sua iniciativa na actualidade, graças ao empenho da equipa do referido Centro. E foi ainda no âmbito deste Centro que se publicou o *Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português*, de que foi coautor, que disponibiliza, em mapas, análises e sínteses de aspectos históricos, manual cartográfico que faltava na historiografia nacional.

Com um certo chiste, Oliveira Marques afirmou em uma conferência que a sua obra se podia definir “em termos de triângulo”, suportada em três vertentes “publicar uma parte bibliográfica e de guias de fontes, outra de monografias e outra de síntese” (*A. H. de Oliveira Marques. O Homem...*, 1994, p. 168), o que aconteceu tanto para os estudos da época medieval, como referimos, como para os da época contemporânea. A sua obra sobre a história contemporânea ilumina com grande precocidade e com fundamentos científicos este período muito pouco estudado em tempos do Estado Novo e do Marcelismo. Desta sua produção começemos por afirmar, tomando de empréstimo as palavras a Hipólito de La Torre que “no conhecimento histórico da I República portuguesa há um antes e um depois da irrupção de Oliveira Marques neste período” (*Na Jubilação Universitária...*, 2003, p. 101). De um período silenciado, proscrito e distorcido em tempos do Estado Novo passa então a tema de primeiro plano de estudo científico, rigoroso, fundamentado e objectivo, que redimensiona circunstâncias e acontecimentos políticos e resgata alguns grandes protagonistas de vida republicana. Trabalhando em bibliotecas e arquivos, publica, em 1971, o volume *A Primeira República*



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*Portuguesa*. Para uma visão estrutural, para logo depois, dirigindo uma equipa de investigadores e sendo também autor, dar à estampa uma obra de maior abrangência, *História da Primeira República Portuguesa* (publicada entre 1972-1979). Em simultâneo foi publicando ou liderando a publicação de documentos públicos e privados, sobretudo epistolografia, sobre este período, em estreita ligação com a escrita de biografias de figuras cimeiras da República, como Afonso Costa, Bernardim Ribeiro ou Norton de Matos. Este acúmulo de conhecimentos como investigador permitiu-lhe dar à estampa, em 1981, o *Guia de História da 1ª República Portuguesa*, repertório de fontes e estudos, organizados por temas, que se torna bússola para os estudiosos desta época. Concomitantemente, até porque muitos republicanos foram maçónicos e Oliveira Marques também ingressou nesta organização (1973, vindo mesmo a ser seu Grão-Mestre adjunto e Soberano Grande Comendador), procurou dar a conhecer a história da maçonaria até então mal e confusamente conhecida, se não quase de todo desconhecida. Em 1975 edita *A Maçonaria Portuguesa e o Estado Novo* e na década de 80 são reunidos diversos dos seus estudos, sobretudo de figuras maçónicas, no volume *Ensaios de Maçonaria* (1988), ao mesmo tempo que se publicam os dois volumes do *Dicionário da Maçonaria Portuguesa* (1986), “síntese dos conhecimentos linguísticos, ritualísticos, filosóficos, e sobretudo históricos, políticos e sociais, tanto de Portugal e colónias como de todos aqueles países...onde estiveram lojas submetidas ou relacionadas com a maçonaria portuguesa”, como afirma Ferrer Benimeli (*Na Jubilação Universitária...*, 2003, p. 138). Em 1990 começa a editar-se a sua “obra magna e a mais ambiciosa”, ainda nas palavras daquele Autor (Idem, p. 139), a *História da Maçonaria em Portugal*, projectada para quatro volumes, mas de que apenas saíram dois, ainda que o segundo em dois tomos, respectivamente de 1996 e 1997, que dá a conhecer o perfil político e socioeconómico dos membros da maçonaria em diversos períodos históricos, assim como a organização interna e o ritual maçónico, travejada em pertinente e actualizada bibliografia e enriquecida com detalhados apêndices (a parte redigida do quarto volume foi publicada em 2011). Com intuítos de divulgação, veio a condensar os seus ensinamentos em pouco mais de uma centena de páginas no livro *A Maçonaria em Portugal* (1998). Nestes e em muitos outros estudos “a forma de ver a maçonaria e o contexto social em que está integrada singularizam a relação existente entre o professor Oliveira Marques e a sua obra maçónica”, segundo Ferrer Benimeli (Idem, p. 146).

Com grande apetência para a escrita de sínteses e porque não havia uma actualizada sobre a História de Portugal, como pensava, propôs-se elaborá-la, primeiro para a dar a conhecer nos Estados Unidos, tendo-se depois alargado o projecto. Saindo em dois volumes, em inglês e em português, no ano 1972, expande-se em seguida para três volumes. Trata-se de uma síntese da história de Portugal, apoiada em bibliografia recente e com traços muito inovadores, desde logo dando abertura já não apenas à história política mas também à demografia, economia, sociedade e cultura, revendo certas teses e conceitos da historiografia oficial (desde o sentido da Reconquista à afirmação da existência de feudalismo em Portugal), para além de dar entrada à história do Império e grande relevo à história que se seguiu à revolução liberal, estendendo mesmo o estudo até ao tempo presente (José Amado Mendes, *História da História em Portugal...*, 1996, pp.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

321-324). O impacto desta obra em Portugal, no ensino liceal e universitário e no público em geral, pode ajuizar-se se tivermos em conta que teve 15 edições (última em 2010) e a sua projecção internacional pode abalizar-se pelas traduções realizadas, além da versão inglesa, para alemão, espanhol, francês, japonês, romeno e polaco. O resumo da mesma, que constitui a *Breve História de Portugal* (1995), com 11 edições para português (2019), e uma síntese *Brevíssima História de Portugal* (1992), com quatro edições em português, teve igualmente traduções para francês, inglês, chinês, espanhol, romeno e italiano, com diferentes números de edições. Mas Oliveira Marques foi ainda mais longe no aprofundamento científico amplo da história de Portugal e na sua acessibilização ao público. E desde finais da década de 80 até ao termo da sua vida investiu o seu saber e força vital, como director, coordenador ou autor, na publicação da *Nova História de Portugal* e da *Nova História da Expansão Portuguesa*, projectos que repartia com Joel Serrão, em que colaboraram muitos historiadores de diversas gerações. Em 1987 era dado à estampa o volume IV da *Nova História*, da sua exclusiva autoria, *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*, que se apresenta como modelo do esquema geral a seguir em toda a obra, articulando estruturas e conjunturas e dando larga representatividade à demografia, aos grupos sociais, à tecnologia, aos meios e sistemas produtivos, à dinâmica política, à religião, à arte, à cultura e à vida quotidiana. Este livro inaugural é ainda hoje um referencial no estudo da história de Portugal da Baixa Idade Média. Até ao final da sua vida publicaram-se nove volumes da *Nova História de Portugal*, não sem algumas dificuldades de cumprimentos de prazos pelos seus responsáveis ou outras (ficando dois na editora, revistos). Da *Nova História da Expansão* saíram dos prelos oito dos 12 volumes projectados, tendo Oliveira Marques escrito grande parte do primeiro, *A Expansão Quatrocentista*, com a sistematização e clareza que lhe eram próprias. O impacto desta hercúlea tarefa confrontou-se com o plano editorial coevo em que surgiram muitas outras Histórias de Portugal. Mas a riqueza informativa, o rigor, a interpretação histórica fundamentada e uma escrita límpida assumiram-se como as marcas maiores que Oliveira Marques quis imprimir, e que no geral legou, nestes muitos livros das Novas Histórias, a maioria de autoria colectiva. Atento esteve ainda Oliveira Marques ao estudo do passado das instituições universitárias, sobretudo a Faculdade de Letras de Lisboa, em que se licenciou e começou a ensinar, e à evocação da historiografia e dos historiadores portugueses em obras como *Ensaios da Historiografia Portuguesa* (1983) e *Antologia de Historiografia Portuguesa* (1974, 1975), em que deu grande representatividade à figura de Herculano, historiador, cidadão e político, que muito admirava (Luís Miguel Duarte, *Na Jubilação Universitária...*, 2003, pp. 155-175).

O perfil mais intimista e pessoal deste Homem e Cidadão pode conhecer-se na entrevista que concedeu a João Pedro Ferro, quando completou sessenta anos, e se condensa na obra *A. H. de Oliveira Marques. O Homem e o Historiador*. Dela emerge o Cidadão comprometido, o democrata, que, ainda no liceu, fez campanha por Norton de Matos, que esteve ao lado dos alunos na greve universitária de 62, que apoiou o General Ramalho Eanes em 1980, que defendia os valores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Nela se recorta o vulto de um Homem, que era um coleccionador de selos e um “ajuntador” de outras coisas de



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

interesse histórico, que se dizia um apaixonado pela música, que gostava de viajar, que era cultíssimo, de gostos urbanos refinados, e um cativante conversador. A abrangência e diversidade da vastíssima obra do Historiador, na precisão dos anos das publicações e tipologias de estudos, colhe-se nas Bibliografias sobre ele elaboradas (Maria F. Andrade e João A. Dias, *Estudos de História...*, 1982, pp. 39-97; Idem, *Na Jubilação Universitária...*, 2003, pp. 185-238; Manuela Rêgo, *...50 anos de Historiador...*, 2007, pp. 59-197).

A alta valia deste Historiador foi reconhecida em Portugal e no estrangeiro. Em 1982, ao completarem-se 25 anos da sua carreira docente e da publicação do seu primeiro estudo histórico, os seus alunos promoveram uma cerimónia, que teve a presença do Presidente da República, em que lhe foram oferecidos dois volumes de *Estudos de História de Portugal* em sua Homenagem. Em 1998 o Presidente da República condecora-o com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade. Por ocasião da sua Jubilação, em acto solene na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foi-lhe entregue um livro, em que alguns especialistas deixaram testemunhos e contributos de leitura e reflexão sobre a sua obra, agrupada por temáticas. E já após o seu desaparecimento, a Biblioteca Nacional de Portugal realizou uma exposição sobre a sua obra com a publicação do respectivo Catálogo. Por sua vez a cidade de Lisboa, a vila de Cascais e São Pedro do Estoril guardam dele memória e honram-no, inscrevendo perenemente o seu nome na toponímia urbana e na denominação de estabelecimentos de ensino. A tradução e edição dos seus livros no estrangeiro são a prova da sua nomeada internacional, vindo ainda, em 1997, a receber o Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de la Trobe, Melbourne, na Austrália. E nos Estados Unidos a “Association for Spanish and Portuguese Historical Studies” criou um Prémio com o seu nome, atribuído anualmente ao melhor trabalho de história portuguesa.

A. H. de Oliveira Marques marcou os historiadores do seu tempo, deste tempo e ainda do que há-de vir com o legado de uma historiografia científica de referência, sobretudo nas épocas medieval e contemporânea. Historiador que soube ser Mestre e criar discípulos, que soube liderar projectos e obras colectivas, estimulou muito jovens para a investigação e para a escrita da história, enlaçando gerações. Historiador que, pela oralidade e pela obra escrita, projectou o conhecimento da história de Portugal em vários países da Europa, da América e da Ásia, A. H. de Oliveira Marques inscreve o seu nome entre os grandes divulgadores da História e da Cultura portuguesas no mundo.

**Bibliografia activa:** *Hansa e Portugal na Idade Média*, Lisboa, Ed. do Autor, 1959 (2ª ed. 1983); *Introdução à História da Agricultura em Portugal. A questão cerealífera durante a Idade Média*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1962 (2ª ed. 1968; 3ª ed. 1978); *Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa*, Lisboa, Cosmos, 1964 (2ª ed. 1979; 3ª ed. 1988); *A Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1964 (2ª ed. 1971; 3ª ed. 1975; 4ª ed. 1981; 5ª ed. 1987; 6ª ed. 2010; com tradução inglesa de 1971, reimpressa em 2003); *A 1ª República Portuguesa (Para uma visão estrutural)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1971 [com mais 4 edições de 1975 e 1980 e 2010 (2 edições)]; *História de Portugal*



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

desde os tempos mais antigos até ao Governo do Sr. Marcelo Caetano, 2 vols., Lisboa, Ágora, 1972-1973 [com mais 14 edições e acrescento para três volumes, o último até Governo do Sr. António Guterres; com duas edições em inglês de 1972 e 1976 (e várias reimpressões), japonês (3 volumes, 1981), castelhano (2 volumes, 1983), francês (2ª ed. 1978 e 3ª ed. 1998) e polaco (2 volumes, 1987)]; *A História da Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, [s.d.] (1973, reimpressão 1978); *A Maçonaria Portuguesa e o Estado Novo*, organização, prefácio e notas, Lisboa, D. Quixote, 1975 (2ª ed. 1983; 3ª ed. 1995); *Portugal na Crise dos séculos XIV e XV*. SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. Oliveira, *Nova História de Portugal*, vol. IV. Lisboa, Presença, 1987; *História da Maçonaria em Portugal*, 3 vols., Lisboa, Presença, 1990, 1996, 1997.

**Bibliografia passiva:** A. H. de Oliveira Marques: *o Homem e o Historiador. Balanço de seis décadas*, diálogos com João Pedro Ferro, Lisboa, Presença, 1994; ANDRADE, Maria Fernanda Macedo Nogueira de; DIAS, João José Alves, “Bibliografia do Prof. Doutor António Henrique Rodrigo de Oliveira Marques”. *Estudos de História de Portugal*, vol. I, Sécs. X-XV. *Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*. Lisboa, Estampa, 1982, pp. 39-97; COELHO, Maria Helena da Cruz; RIBEIRO, Maria Manuela Tavares e CARVALHO, Joaquim Ramos de (coord.), *Repertório Bibliográfico da Historiografia Portuguesa (1974-1994)*, Coimbra, Instituto Camões-Faculdade de Letras de Coimbra, 1995, pp. 351-356; “Cronologia do Prof. Doutor A. H. de Oliveira Marques”. *Estudos de História de Portugal*, vol. I, Sécs. X-XV. *Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, Lisboa, Estampa, 1982, pp. 13-37; HOMEM, Armando Luís de Carvalho e COELHO, Maria Helena da Cruz (coord.), *Na Jubilação Universitária de A. H. de Oliveira Marques*, Coimbra, Minerva, 2003; MATTOSO, José, “Perspectiva de um medievalista”. *Ler História*. Lisboa, n.º 52, 2007, pp. 167-176; NEVES, Ismênia, *Prof. Oliveira Marques: historiador, 1933-2007*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa-Comissão Municipal de Toponímia, 2017; “Oliveira Marques (A. H. de)”. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 8 (*Actualização*). Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1986, p. 482; e vol. 5 (2.ª actualização), Lisboa, Edições Zairol Limitada, 1999, p. 605; RÊGO, Manuela (org.), *A. H. de Oliveira Marques 1933-2007. 50 anos de Historiador. Exposição bibliográfica. 21 Junho a 11 Setembro de 2007*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2007; REIS, António, “Historiador da República”. *Ler História*. Lisboa, n.º 52, 2007, pp. 177-180; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, “Memória de um adolescente dos anos 70”. *Ler História*. Lisboa, n.º 52, 2007, pp. 181-183; TORRAL, Luís Reis; MENDES, José Amado e CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal. Sécs. XIX-XX*, 2 vols., [s.l.], Temas e Debates, 1996; VIEIRA, Benedicta Duque, “Professor e historiador”. *Ler História*. Lisboa, n.º 52, 2007, pp. 163-166.

Maria Helena da Cruz Coelho